

Representação social da Psicologia e do psicólogo na sala de espera de uma clínica-escola

Social representation of Psychology and the psychologist in the waiting room of a teaching-clinic

Mariane Iuva **AREND**¹
Roberta Fin **MOTTA**¹

Resumo

Este artigo aborda questões referentes à representação social da Psicologia e do psicólogo, especificamente, em relação aos usuários que se encontravam na sala de espera da clínica-escola do Centro Universitário Franciscano, Rio Grande do Sul, Brasil. Para a coleta de dados, foram utilizados como instrumento questionários que objetivam o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses e expectativas. Os questionários foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados apontam que há dificuldades em se estabelecerem diferenças entre a Psicologia e o psicólogo, descrevendo ambos como tendo uma função assistencialista, que ajuda e entende os problemas de ordem psicológica. Além disso, foi demonstrado o reconhecimento do trabalho realizado pelos estagiários de Psicologia, o que o evidencia como uma verdadeira prática de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Psicologia; Psicólogos; Representação social.

Abstract

This article is a result of a qualitative study the approach of which deals with issues that refer to the social representation of Psychology and the psychologist, specifically related to the users who were encountered in the waiting room of the teaching-clinic of the Centro Universitário Franciscano, Rio Grande do Sul, Brazil. A questionnaire was used for data collection, with the aim of investigating the opinions, beliefs, feelings, interests, and expectations of these subjects. The responses were analyzed using content analysis as the framework. The results showed that there were difficulties in establishing differences between Psychology and the psychologist, as they are both described as having a care function to help and understand psychological issues. Furthermore, recognition of the work of Psychology trainees was highlighted, emphasizing this practice as a true teaching-learning practice.

Keywords: Psychology; Psychologists; Social representation.

Este artigo aborda questões referentes à representação social da Psicologia e do psicólogo, especificamente, em relação aos usuários que se

encontravam na sala de espera da clínica-escola do Laboratório de Práticas Psicológicas do Centro Universitário Franciscano, Rio Grande do Sul, Brasil. Para



¹ Centro Universitário Franciscano, Área de Ciências Humanas, Curso de Psicologia. R. Silva Jardim, 1175, Conjunto III, Prédio 17, Centro, 97010-491, Santa Maria, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: R.F. MOTTA. E-mail: <roberta.fm@hotmail.com>.

que seja compreendida a representação social da Psicologia e do psicólogo, é importante que se conheça e se compreenda como se deu a constituição da Psicologia, em especial, a configuração das clínicas-escola, e, por fim, a representação social, base teórica que fundamenta o presente artigo.

A profissão de psicólogo foi regulamentada, no território brasileiro, em 27 de agosto de 1962, através da Lei Federal nº 4.119 (Brasil, 1962), que estabelece os critérios legais e civis para desempenhá-la e garantir seu exercício e delimita sua prática e competências a graduados em curso superior em Psicologia. A referida lei expõe que os cursos de Psicologia devem organizar serviços de atendimento para que os alunos, sob supervisão docente, pratiquem o que lhes foi passado nas disciplinas da graduação (Pfromm Netto, 2004). Esses serviços designados como clínicas-escola passaram, então, a constituir locais de prática de estágio onde os alunos devem exercer e aplicar o que aprenderam nas disciplinas, ao mesmo tempo em que a universidade disponibiliza para a comunidade a prestação de serviços de atendimento psicológico, gratuito ou semigratuito (Güntert, 2000).

Schmidt (1992) considera o espírito de investigação e o desejo de pesquisar como importante articulação entre o serviço prestado à clientela e a formação dos alunos. A clínica-escola, ao conhecer e escutar sua clientela, torna-se capaz de formular inquietações, as quais movem a pesquisa. Nos trabalhos universitários de atendimento à comunidade, nas clínicas-escola, desenvolvem-se os estágios em psicoterapia. Nesses serviços, são realizados, simultaneamente, o desenvolvimento profissional e a formação clínica do aluno (Romero & Capitão, 2003).

A clínica-escola permite que o aluno amplie seu olhar para que possa perceber melhor as pessoas que estão a sua volta e suas necessidades, conflitos e relações, oferecendo um contexto que possibilite o estudo de práticas renovadas quanto à profissão, "delineando ações mais produtivas para cada indivíduo, contribuindo assim para a sociedade

como um todo" (Löhr & Silveiras, 2006, p.17). Além disso, nos atendimentos psicoterápicos realizados nas clínicas-escola dos cursos de Psicologia, atende-se, geralmente, a população de baixa renda. Com isso, os alunos de Psicologia inserem-se num contexto sócio-histórico-político, o que determina uma postura ética com a sociedade (Merg, 2008). Campezzatto e Nunes (2007) atentam para que a execução da clínica-escola possa permitir o entendimento da intersecção entre prática, ensino e pesquisa, a fim de transformá-la em local de questionamentos e descobertas da Psicologia teórica e prática - e de que não perca seu significado social e seja devidamente aprimorada.

Clínica-escola

A clínica-escola de Psicologia do Centro Universitário Franciscano caracteriza-se como espaço de integração entre teoria e prática na formação dos psicólogos. Ela tem como alguns de seus objetivos: constituir-se em um campo de estágio, integrar as atividades com outros cursos, constituir-se como um centro referencial de promoção de saúde mental na comunidade local e consolidar as linhas de pesquisa do curso de Psicologia. As atividades têm como principal foco o ensino, a pesquisa, a extensão e os estágios dos alunos do curso de Psicologia da instituição (Serviço de Psicologia, 2004).

Atualmente, as triagens são abertas duas vezes ao ano. Após uma ou mais entrevistas de avaliação, o usuário pode ser encaminhado a serviços específicos, direcionado a atendimento individual ou a atendimento em grupo. Além disso, existe a possibilidade de o paciente ter sanado a demanda já nas entrevistas de triagens e ser desligado do serviço de Psicologia. Os usuários da comunidade Santamariense e região que chegam para atendimento psicológico, além de ingressarem no serviço por meio do processo de triagem, podem vir encaminhados pela rede socioassistencial, por escolas ou por outros laboratórios do Centro Universitário Franciscano (inter-consulta): visa-se, assim, a um trabalho multidisciplinar².

Representação Social

No presente estudo, foi utilizada a base teórica da representação social, que pode contribuir para o entendimento do contexto no qual o profissional ou estagiário de Psicologia exerce seu trabalho, uma vez que o senso comum é continuamente criado e recriado em nossa sociedade, sendo ele não mais o ponto de partida, e sim o ponto de chegada (Moscovici, 2010). Por consequência, é desse senso comum que emergem as representações sociais, vistas, pelo autor citado anteriormente, como uma forma característica de conhecimento em nossa era. Elas servem para familiarizar o não familiar, por isso se torna indispensável o estudo da representação social da Psicologia e do psicólogo entre os usuários atendidos para conhecimento de como o trabalho está sendo interpretado por aqueles que dele fazem uso. Além disso, o estudo das representações sociais pode ser considerado um compromisso social, pois contribui para a compreensão do processo de construção social da comunidade que é assistida pela clínica-escola (Minayo, 2008).

Almeida, Santos e Trindade (2000) postulam que o termo representação social, proposto por Moscovici, surgiu para designar um conjunto de fenômenos e processos referentes ao conhecimento do senso comum, visto como ingênuo, mas também avaliado como forma de conhecimento deslocado, contrário ao conhecimento científico. Dessa forma, Lahm e Boeckel (2008) afirmam que o conceito de representação social indica um conhecimento específico do senso comum, relacionado a uma configuração de pensamento social, produzido e partilhado nas relações que as pessoas estabelecem entre si, o que constitui um *corpus* organizado de conhecimentos. Além disso, é uma das atividades que possibilita aos homens tornarem compreensíveis as suas realidades físicas e sociais.

Para Moscovici (2010), representação social é um conjunto de conceitos, afirmações e explicações gerados diariamente, ou seja, nas comunicações interindividuais, sendo a versão contemporânea do senso comum. Ao se estudarem as representações sociais, entende-se como o sujeito pensa e não como ele processa informação ou se com-

porta; mais precisamente, as representações sociais devem ser vistas como um modo específico de compreender e comunicar o que já é sabido (tanto a realidade como o senso comum) e têm como objetivo abstrair sentido do mundo e inserir nele ordem e percepções que reproduzem o mundo de forma significativa.

O estudo das representações sociais de um determinado grupo de pessoas é, metodologicamente, uma tentativa de entender o modo como o grupo pensa a si mesmo e como atua no plano social por meio dessas representações, que são compartilhadas, o que significa que os sujeitos formam ideias e saberes comuns sobre a realidade que representam. Mesmo criando a realidade, as representações são constantemente reformuladas, o que impõe a elas a característica de dinamicidade (Freitas, 2008).

Com o intuito de entender de que forma os sujeitos veem e pensam o psicólogo e a Psicologia, alguns estudos foram realizados, como, por exemplo, o de Leme, Bussab e Otta (1989), que realizaram pesquisa acerca das representações sociais do psicólogo com uma amostra composta por alunos ingressantes no curso de Psicologia e obtiveram resultados constituídos nas dimensões positivas e negativas. A representação negativa do psicólogo foi descrita como charlatão e profissional elitista, enquanto a representação positiva fez referência à imagem do psicólogo próximo dos guias espirituais e confidentes. Assim, a partir do reconhecimento da importância dos dados levantados e das discussões empreendidas nos trabalhos anteriores, delineou-se a presente pesquisa: exploratória, descritiva, estruturada a partir de uma abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar o que os usuários que utilizam o serviço da clínica-escola do Centro Universitário Franciscano pensam sobre a Psicologia e o psicólogo.

Método

Participantes

A amostra da presente pesquisa foi composta por 11 usuários e/ou acompanhantes que se

encontravam na sala de espera para atendimento psicológico junto à clínica-escola do Centro Universitário Franciscano, no município de Santa Maira (RS), no período de 1 a 15 de setembro de 2011. A fim de manter o sigilo e a privacidade dos participantes, eles tiveram seus nomes resguardados, sendo identificados por suas iniciais e idades.

Instrumentos

Foi utilizado como instrumento para coleta de dados um questionário, formulado pelos pesquisadores, com perguntas abertas e fechadas. O questionário constitui hoje uma das mais importantes técnicas disponíveis para obtenção de dados nas pesquisas sociais e é definido por Gil (2009) como uma técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito às pessoas, com objetivo de conhecer suas opiniões, crenças, sentimentos, interesses e expectativas.

No período de 1 a 15 de setembro de 2011, foram aplicados 11 questionários aos usuários e/ou acompanhantes que aguardavam na sala de espera da clínica-escola da referida instituição. Para a realização da pesquisa, primeiramente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Franciscano (CEP nº 153.2011.3), e, após sua avaliação e aprovação, ele foi executado. Consideraram-se as diretrizes para pesquisa com seres humanos para proteção dos direitos dos envolvidos na pesquisa, conforme os aspectos éticos apontados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996).

A abordagem dos participantes seguiu os critérios da amostra por conveniência e ocorreu a partir do contato direto realizado pela pesquisadora junto aos participantes, na sala de espera. A aplicação do instrumento foi realizada individualmente, em um único encontro, precedida de uma breve explicação do teor do instrumento. Posteriormente, realizou-se a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com as informações sobre a pesquisa e os contatos das pesquisadoras e do CEP-Centro Universitário Franciscano.

Após a assinatura do TCLE em duas vias, foi entregue a cada participante um questionário com perguntas abertas e fechadas, cujo foco era as questões que permeiam a representação social da Psicologia e do psicólogo. A fim de se evitarem constrangimentos decorrentes de possíveis dificuldades de leitura por parte dos participantes, foi indagado sobre a vontade de cada sujeito em preencher o questionário sozinho ou com auxílio da pesquisadora. Ele continha as informações sobre a pesquisa e os contatos das pesquisadoras e do CEP-Centro Universitário Franciscano, e a duração de aplicação de cada instrumento foi de 10 a 15 minutos.

Procedimentos

Os dados coletados através do questionário foram categorizados para, posteriormente, serem analisados. Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo proposta por Bardin (2010), que afirma ser ela um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa a obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção dessas mensagens.

No que se refere à significação das unidades de análise dos questionários, foram criadas três categorias, que correspondem às principais questões compreendidas no instrumento de coleta de dados. A partir dessas categorias, formularam-se subcategorias de acordo com o conteúdo expresso. Os resultados na presente pesquisa são apresentados com fragmentos representativos, relacionando algumas respostas elucidativas dos participantes com a teoria.

As categorias que emergiram para análise foram: Psicologia *versus* psicólogo. Atendimento na clínica-escola (com a subcategoria de encaminhamentos e/ou indicações) e característica do psicólogo.

Resultados e Discussões

A amostra foi constituída por 11 participantes: 8 (72,72%) acompanhantes, pais ou cuida-

dores de crianças atendidas, e 3 (27,27%) usuários que se encontravam na sala de espera para atendimento psicológico junto à clínica-escola do Centro Universitário Franciscano. Dos 11 participantes, 1 (9,09%) era do sexo masculino e 10 (90,91%), do sexo feminino, e todos residentes no município de Santa Maria (RS), na faixa etária entre 20 e 54 anos, e idade média de 39,4 anos (desvio-padrão = 2,4%).

No que tange à variável escolaridade, havia 1 participante (9,09%) com Ensino Fundamental Incompleto, 1 (9,09%) com Ensino Fundamental Completo, 1 (9,09%) com Ensino Médio Incompleto, 4 (36,36%) com Ensino Médio Completo, 1 (9,09%) com Ensino Superior Incompleto e 3 (27,27%) com Ensino Superior Completo.

Quanto à profissão, 3 (27,27%) relataram serem donas de casa, 1 (9,09) omitiu essa informação e os demais, ou seja, 7 (63,64%), referiram outras - professora, porteiro, educador físico, cabeleireira, funcionária pública, diarista e estudante.

Com relação ao número de vezes que haviam procurado um serviço de Psicologia, 2 (18,18%) disseram nunca o terem procurado anteriormente, enquanto 9 (81,82%) já haviam procurado atendimento.

Psicologia versus psicólogo

Na categoria intitulada "Psicologia versus psicólogo", percebe-se que os entrevistados não diferenciavam a ciência Psicologia do fazer psicológico. Isso pode ser vislumbrado pelas seguintes frases, retiradas da questão referente ao entendimento dos participantes quanto à Psicologia: "eu penso que é um meio do profissional ajudar as pessoas" (S., 42 anos). "É uma forma de ajudar as pessoas a se entender" (T., 20 anos).

Percebe-se, a partir das falas dos entrevistados, a dificuldade de estabelecer a diferença entre a Psicologia e o psicólogo. Os resultados obtidos nesta pesquisa sugerem que o profissional de Psicologia é entendido por meio de definições, cuja representação seria a de um orientador ou conselheiro.

Os participantes mostraram-se pouco esclarecidos com relação ao profissional e ao objeto de

estudo da Psicologia. Sobre esse aspecto, pode-se pensar que, talvez, a própria categoria não esteja certa dessa diferenciação devido à complexidade do objeto de estudo, que é demasiadamente explorado por diversos autores.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2009), o objeto de estudo da Psicologia é diversificado e de acordo com os enfoques teóricos escolhidos. Ao mesmo tempo, tem um ponto em comum, chamado de subjetividade, que pode ser descrito como a síntese individual constituída a partir do desenvolvimento e das vivências na vida social e cultural: é a maneira de pensar, sentir, sonhar, amar, fazer de cada um. Em similaridade, estão as respostas retiradas da questão referente à concepção dos participantes quanto ao psicólogo: "orienta pessoas a conhecer e resolver seus conflitos" (M., 34 anos). "Entende a pessoa" (C., 48 anos).

Sobre o fazer do psicólogo, os sujeitos relataram que ele ajuda e entende seus problemas de ordem psicológica. Para Bock et al. (2009), o aprendizado dos conhecimentos específicos ligados à Psicologia possibilita uma melhor compreensão para o psicólogo sobre o mundo que o cerca, significando, então, saber mais sobre a vida humana.

Já as respostas dos participantes sobre o que pensavam sobre a função da Psicologia encontram-se na mesma perspectiva da questão referente ao fazer do psicólogo, como exemplificado abaixo: "para ajudar as pessoas a resolver problemas de ordem emocional" (A., 40 anos). "Deve ajudar a resolver problemas das pessoas" (K., 43 anos).

A função assistencialista descrita nas falas dos entrevistados remete à inferência de pensar a Psicologia, assim como outras profissões, como parte do cuidado com o outro, a serviço de outra pessoa. Essa característica há muito tempo é relacionada à caridade, benemerência, assistencialismo. No entanto, o verdadeiro sentido da assistência é recuperar as condições de autonomia, e não instituir situação definitiva de dependência.

Ressalta-se a importância da consciência das intensas desigualdades sociais existentes no contexto brasileiro e a tendência de ver a saúde não como um direito da população, mas como uma

prática assistencialista reservada somente à população em vulnerabilidade social. A partir desse contexto de saúde, acredita-se que, cada vez mais, os psicólogos foram e são convocados a reinventar suas práticas ao longo dos anos. O aspecto assistencialista, descrito em falas apresentadas abaixo, também foi mencionado em outros estudos: “o psicólogo ouve o paciente e tenta ajudar” (S., 42 anos). “Auxilia nas dificuldades” (V., 54 anos).

Praça e Novaes (2004) e Lahm e Boeckel (2008), em seus estudos, revelaram a representação da Psicologia como aquela que pode dar ajuda incondicional ao outro. Essa visão remete ao que mostrou o estudo de Magalhães, Stralio, Keller e Gomes (2001), realizado sobre a escolha vocacional em Psicologia, na perspectiva do ingressante no curso de graduação em Psicologia: 75% das declarações expressaram o desejo de ajudar o outro nos assuntos psicológicos, implicando, assim, uma mudança de visão de mundo e melhoria das relações com os outros e com a sociedade em geral. Para Praça e Novaes (2004), esse desejo tem uma roupagem onipotente, estereotipando assim o psicólogo como o adivinhador do que os outros pensam.

Atendimento na clínica-escola

Esta categoria concerne à forma como os participantes da pesquisa percebem o atendimento de Psicologia realizado na clínica-escola. Observaram-se duas temáticas mais expressivas: o trabalho lúdico e o reconhecimento do acadêmico.

Em relação ao trabalho de forma lúdica, é necessário destacar que a maioria - oito (72,72%) participantes da pesquisa -, era de pais e/ou cuidadores de crianças atendidas na clínica-escola. Provavelmente, por esse motivo, eles relataram atividades vinculadas ao *setting* psicoterapêutico infantil. Abaixo, a transcrição de algumas respostas referentes à categoria: “eu acho que tem brincadeiras para ver qual a situação, eu acho que através disso jogos, brincadeiras” (A., 37 anos). “Com brinquedos, desenhos, perguntando coisas” (C., 33 anos).

Winnicott (1982) descreve o *setting* infantil como um forte indício capaz de mobilizar a habi-

lidade do paciente em confiar na possibilidade de receber ajuda e confiar em quem a oferece. Assim, acredita em um *setting* no qual o paciente fique livre para explorar as oportunidades que a sessão proporciona. O mesmo autor ainda expõe que o desejo de comunicar-se através das brincadeiras é empregado em lugar da fala dos adultos, podendo as crianças controlar suas ideias ou impulsos que, se não forem dominados, conduzirão à angústia.

Outro aspecto observado nessa categoria diz respeito à perspectiva de uma psicologia clínica tradicional, individual e de caráter privado, que pode ser vista na fala de um dos participantes ao descrever o atendimento psicológico: “de forma individual, personalizada” (M., 34 anos). “Através de conversas, questionamentos” (T., 20 anos).

Tendo em vista a história da Psicologia no Brasil, desde sua constituição, foi uma ciência comprometida com os interesses das elites e teve suas práticas voltadas para o controle e a diferenciação das massas (Bock, 2009). No entanto, movimentos como a Reforma Psiquiátrica, a Reforma Sanitária e a inserção do psicólogo em outros serviços que não estavam atrelados à clínica tradicional, individual e privada geraram novos questionamentos e atribuições, tanto na atuação quanto na formação dos psicólogos, convocando-os a pensarem sobre a importância de se reinventarem suas práticas, construindo, assim, uma Psicologia mais próxima das necessidades brasileiras.

Sobre esse aspecto, é possível elencar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Psicologia, instituídas no ano de 2004, e que surgiram para nortear o trabalho do psicólogo, acrescentando-lhe novas atribuições, como visão interdisciplinar, formação generalista e olhar integral (Brasil, 2004).

Pode-se pensar também que a Clínica Social, proposta por Moreira, Romagnoli e Neves (2007), pode contribuir com as discussões sobre as práticas psicológicas, pois ela é uma prática envolvida com a construção de novas formas de atuação e, mesmo com a Psicologia se dedicando à subjetividade em suas mais variadas aparições, não se deve pensar somente no sujeito individual, pois ele é fruto de

um encontro social: é preciso acreditar na clínica como plano de produção do coletivo.

Outro dado que deve ser ressaltado nas respostas dentro dessa categoria é a importância dada aos acadêmicos que desenvolvem as atividades de estágio na clínica-escola. Os participantes mencionaram que reconhecem esse trabalho e que utilizam essa prática como um verdadeiro espaço de ensino-aprendizagem. Essas ideias são ilustradas nas descrições abaixo: *“os acadêmicos estão cientes do que estão fazendo, são responsáveis na parte clínica e na preparação dos alunos em si”* (N., 44 anos). *“É muito bom, com grande interesse dos (as) alunos (as)”* (V., 54 anos).

Para Perfeito e Melo (2004), é fundamental para a formação do psicólogo o contato direto com as pessoas na clínica-escola. Essa é a importância crucial do trabalho prático associado ao embasamento teórico, sendo a prática o lugar de resultado das transformações e onde se entra em contato com a teoria, pensando-se em resoluções para suas limitações, e se atualiza quanto às demandas contemporâneas. Nessa perspectiva, vislumbra-se a clínica-escola do Centro Universitário Franciscano, em um processo contínuo e permanente, uma vez que esse serviço já tem um processo diversificado de atendimentos psicológicos, como atendimentos em grupo, o que amplia, assim, cada vez mais, as ações em várias áreas e formas de se fazer Psicologia.

Encaminhamentos e/ou indicações

Em relação à subcategoria intitulada encaminhamentos e/ou indicações, a maioria - cinco (45,45%) -, descreveu que o encaminhamento foi dado por algum profissional da saúde, entre eles, pediatra, neurologista, fisioterapeuta, dentista e demais serviços de saúde mental, no caso o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). As outras indicações foram feitas *“por amigos e pela escola”*.

Os profissionais de saúde parecem começar a adotar um olhar mais integral, sem fragmentações, entendendo o ser humano como um todo, no seu próprio contexto e nas relações dinâmicas do meio onde está inserido, unificando ações pre-

ventivas, curativas e de reabilitação, e atendendo às necessidades de saúde dos indivíduos. O cuidado integral é pleno, feito com base no ato acolhedor do profissional de saúde, no estabelecimento de vínculo e na responsabilização diante do seu problema.

Além disso, pode-se pensar que o trabalho em uma equipe multiprofissional seja uma modalidade de trabalho coletivo que se configura na relação recíproca entre os diferentes profissionais. O trabalho em equipe não pressupõe suprimir as especificidades de cada área, pois as diferenças técnicas propagam a possibilidade de contribuição para a melhoria dos serviços prestados aos usuários assistidos (Peduzzi, 2001).

Características do psicólogo

Para melhor entendimento, as características atribuídas ao psicólogo foram divididas em três eixos principais: Capacitação/Qualificação; Modo de ser e Intervenção.

Dentro do eixo de “Capacitação/Qualificação”, foi vislumbrado que as características pessoais a ele atribuídas baseiam-se em *“dedicação, inteligência, interesse (de aprender com colegas, professores e pacientes) e gostar da profissão”*. De acordo com estudo de Traverso-Yépez e Moraes (2004), 11% dos entrevistados (estudantes de Psicologia), explicitaram a escolha do curso exatamente pela motivação sobre o fato de gostar de conhecer e aprender com as pessoas no trato diário com pacientes.

Na segunda categoria, denominada “Modo de ser”, foram reunidos os termos: *“atencioso, paciente, compreensivo, sério, simpático, calmo, tolerante e possuidor de cumplicidade”*, elementos predominantemente de características pessoais. Na pesquisa realizada por Praça e Novaes (2004), descobriu-se que, para estudantes universitários do penúltimo ano de graduação de diversos cursos de determinada universidade, as características mais explícitas do profissional da Psicologia são: observador, equilibrado e confiável, o que demonstra o quanto é imprescindível ater-se à representação so-

cial e fazer disso um instrumento para aperfeiçoamento e melhoria dos serviços de psicologia ofertados à comunidade.

No eixo “Intervenção”, por reunir atributos de atuação psicoterapêutica, destacaram-se as respostas referentes à “*atitude, boa comunicação, capacidade de argumentar e saber conversar, gostar de crianças, saber ouvir, ser objetivo, conseguir deixar a pessoa segura e possuir método de interação*”. More, Leiva e Tagliari (2001), em pesquisa sobre a representação social do psicólogo, entre técnicos, profissionais da saúde e comunidade usuária de uma instituição pública de saúde, obtiveram, em sua maioria de respostas, que o psicólogo é considerado profissional que ajuda e orienta.

Considerações Finais

Por meio do presente estudo, percebe-se a fundamental importância da identificação das representações sociais dos usuários assistidos na clínica-escola, assim como nos diferentes contextos nos quais se dá a atividade do psicólogo, com a finalidade de subsidiar sua ação junto a diferentes segmentos. Em termos teóricos, ressalta-se que o grau das representações sociais constitui-se um elemento cultural indissociável do contexto social, sendo seu reconhecimento indispensável para um bom entendimento das ações desempenhadas pelos profissionais.

Na pesquisa, foram demonstradas as representações sociais de 11 usuários de uma clínica-escola a partir de seus conhecimentos e significados, que devem ser vistos como um saber diferente, nem melhor, nem pior que os dos profissionais, que expõe experiência única e singular. Essa ocasião contribuiu para uma solidificação da representação social da Psicologia e do psicólogo. A visão dos usuários esteve marcada unicamente pelo caráter terapêutico da Psicologia e do psicólogo. Tal fato não coopera para a construção de outras visões referentes ao exercício do profissional da Psicologia.

Foi visto que há dificuldades dos usuários em estabelecer diferenças entre a Psicologia e o

psicólogo: a ambos foi atribuída uma função assistencialista, de ajuda e de entendimento dos problemas de ordem psicológica. Além disso, foi demonstrado, por parte dos entrevistados, reconhecimento do trabalho realizado pelos estagiários de Psicologia. Isso evidencia, de modo geral, a utilização da prática, que deve ser contínua e permanente, como um verdadeiro espaço de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, a partir dos dados levantados, ressalta-se a importância de pensar em outras formas de se fazer Psicologia, colocando-se em prática a concepção de ensino-pesquisa-extensão, além dos parâmetros preconizados pelas DCN e pelo Plano Pedagógico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano, e ampliando-a para diversas outras atividades ao potencializar o saber-fazer psicológico.

Toda essa reflexão diz respeito a uma formação com uma perspectiva mais ampla, na qual o psicólogo faça parte de uma rede, e se comprometa com a sociedade ao trabalhar na promoção da saúde da comunidade, com a preparação para o trabalho multi e interdisciplinar com outros profissionais, enriquecendo, desse modo, a atuação da Psicologia, e fazendo com que o psicólogo seja representado como um profissional ligado à dimensão sócio-histórica da sociedade em que trabalha, não apenas como o profissional que ajuda e orienta os outros em uma prática assistencialista. Portanto, é necessária uma formação que estimule a pesquisa e a extensão, que ensine a perguntar, a estranhar o familiar e buscar diferentes respostas. O conhecimento deve estar em permanente movimento e permitir a entrada franca da realidade cotidiana.

Referências

- Almeida, A. M. O., Santos, M. F. S., & Trindade, Z. A. (2000). Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia da SBP*, 8(3), 257-267.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bock, A. M. B. (2009). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In: A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (2ª ed., pp.15-28). São Paulo: Cortez.

- Bock, A., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2009). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia* (14ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Brasil. Presidência da República. (1962). Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. *Dispõe sobre a formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo*. Recuperado em maio 12, 2011, de http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/lei_n_4.119.pdf
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (1996). Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Recuperado em maio 12, 2011, de http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm
- Brasil. Conselho Nacional de Educação. (2004). Resolução CNE/CES nº 8, de 7 de maio de 2004. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em psicologia*. Recuperado em maio 12, 2011, de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7690&Itemid=
- Campezatto, P. V. M., & Nunes, M. L. T. (2007). Atendimento em clínicas-escola de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(3), 363-374. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300008
- Freitas, C. D. R. (2008). *"Ele dorme e se acorda comigo": representações sociais do programa bolsa família* (Dissertação de mestrado não-publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Gil, A. C. (2009). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Güntert, A. E. V. A., Camargo, C., Fabriani, C. B., Silva, S. M., Conti, J., Dias, C. C., ... Silva, T. C. (2000). As variáveis determinantes na aderência à psicoterapia: uma investigação em clínica-escola. *Psico USF*, 5(2), 13-23.
- Lahm, C. R., & Boeckel, M. G. (2008). Representação social do psicólogo em uma clínica-escola do município de Taquara/RS. *Contextos Clínicos*, 1(2), 79-92.
- Leme, M. A. V. S., Bussab, V. S. R., & Otta, E. (1989). A representação social da psicologia e do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 29-35.
- Löhr, S. S., & Silveiras, E. F. M. (2006). Clínica-escola: integração de formação acadêmica com as necessidades da comunidade. In: E. F. M. Silveiras. *Atendimento psicológico em clínicas-escola* (Vol. 1, pp.11-22). Campinas: Alínea.
- Magalhães, M., Straliootto, M., Keller, M., & Gomes, W. B. (2001). Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(2), 10-27.
- Merg, M. M. G. (2008). *Características da clientela infantil em clínicas-escola* (Dissertação de mestrado não-publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Minayo, M. C. S. (2008). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- More, C. O. O., Leiva, A., & Tagliari, L. V. (2001). A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário. *Paidéia*, 11(21), 85-98.
- Moreira, J. O., Romagnoli, R. C., & Neves, E. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde clínica social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 608-621.
- Moscovici, S. (2010). Representações sociais: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes.
- Pfromm Netto, S. (2004). Psicologia no Brasil. In M. A. K. Antunes (Org.), *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios* (pp.139-175). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Peduzzi, M. (2001) Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. *Revista de Saúde Pública*, 35(1), 103-109.
- Perfeito, H. C. S., & Melo, S. A. (2004). Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 21(1), 33-42. doi: 10.1590/S0103-166X2004000100003
- Praça, K. B. D., & Novaes, H. G. V. (2004). A representação social do trabalho do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 32-47.
- Romaro, R. A., & Capitão, C. G. (2003). Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade São Francisco. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(1), 111-121.
- Schmidt, M. L. S. (1992). Clínica-escola, escola da clínica? *Boletim de Psicologia*, 42(96/97), 99-103.
- Serviço de Psicologia. (2004). Regimento interno. Santa Maria: Unifra.
- Traverso-Yépez, M., & Moraes, N. A. (2004). Idéias e concepções permeando a formação profissional entre estudantes das ciências da saúde da UFRN: um olhar da Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 325-333.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Editora LTC.

Recebido em: 3/5/2012
 Versão final em: 18/7/2012
 Aprovado em: 22/11/2012

